

Dinheiro e prosperidade: a base da mensagem entre a I.U.R.D. E seus fiéis (A I.U.R.D. do imaginário e o imaginário da I.U.R.D)

Carlos Fernando Poeta Gonçalves¹
Élide A.Kessler²
Hugo Luiz de Souza³
Maria Clara Ramos Nery⁴
Emilene de Deus Neves⁵

Resumo

No presente estudo, resultado do trabalho de pesquisa, há uma constatação: a Igreja Universal do Reino de Deus centra na contribuição do dízimo sua prática discursiva. Se o seguidor da IURD não cumpre com tal deliberação, o Devorador que age na ruína financeira acabará por agir “ aqui e agora”, destruindo qualquer possibilidade de sucesso. Assim, valendo-se dos pressupostos da sociologia das religiões, da psicanálise e da comunicação, chega-se à conclusão de que o dinheiro e a prosperidade são fundamentais para a prática religiosa da IURD.

Palavras-Chave: religião, prosperidade e mercado.

Abstract

In the present study, result of research work, one arrives to the following conclusion: the Igreja Universal do Reino de Deus centers its discursive praxis on the contribution of the tithe. If the follower of the IURD does not fulfill such deliberation, the Devourer, who acts in financial ruin, will end up by acting “here and now”, destroying any chance of success. Therefore, making use of the presuppositions of the sociology of religions, psychoanalysis and communication, one arrives to the conclusion that the money and prosperity are essential for the religious praxis of the IURD.

Key words: religion, prosperity and market.

1-Carlos Fernando Poeta Gonçalves- professor da ULBRA/São Jerônimo , especialização em educação psicomotora- Faculdade das Ciências da Saúde do instituto Porto Alegre da Igreja Metodista.

2-Élide de Ávila Kessler, professora da ULBRA/São Jerônimo, psicóloga, com especialização em administração e planejamento para docentes pela ULBRA/Canoas-RS

3-Hugo Luiz de Souza, professor da ULBRA/Canoas, São Jerônimo e Guaíba, bacharel em Direito, mestre em teoria literária pela PUC-RS.

4-Maria Clara Ramos Nery, professora da ULBRA/Canoas e São Jerônimo, coordenadora da pesquisa, mestranda em Sociologia pela UFRGS.

5-Emilene de Deus Neves, aluna bolsista, cursando psicologia na ULBRA/São Jerônimo, sob a coordenação de Maria Clara Ramos Nery.

Textura	Canoas	n. 2	1º semestre de 2000	p. 63-70
---------	--------	------	---------------------	----------

"A dor da gente é dor de menino acanhado.
Menino bezerro pisado no curral do mundo a pe-
nar.
(...)Mansos meninos domados.
(...)Massa de medos iguais.
(...)Meu Deus onde vai parar,
parar essa massa.
Meu Deus onde vai rolar,
Rolar essa massa."

(Raimundo Sodré)

A Igreja Universal do Reino de Deus preconiza a necessidade de ser rica e bem sucedida, porque Deus não quer seguidores fracos. Quem contribui com o dízimo afasta o devorador que atua na ruína financeira. Em contrapartida, quem sonega o dízimo, fatalmente terá seus aparelhos eletrônicos domésticos estragados, seu filho ficará doente, a falta de recursos mínimos para a manutenção serão inevitáveis. Esta é a prática discursiva da Universal no que tange à contribuição do dízimo por parte de seus crentes e adeptos. Esta prática discursiva não se encontra distanciada das necessidades de específicos segmentos sociais.

De alguma forma, parece que a palavra da Universal efetivamente encontra eco na sociedade brasileira, consideramos ser esta instituição religiosa a que mais cresce economicamente no país, respondendo ao imaginário coletivo nacional.

Leonildo Silveira Campos em sua análise sobre a Universal, aponta para o aspecto de que ela consegue estabelecer uma forma de mediação entre o detentor do "poder sagrado", o pastor, e o fiel ou crente da Igreja, o que não ocorre em outras instituições religiosas, mesmo pentecostais e neopentecostais. Este é um ponto que necessita ser visto para que se possa entender a própria internalização do discurso forte iurdiano, por parte de seus adeptos e crentes. Diz ele:

"A Igreja Universal colocou em prática uma forma de mediação, que impede a perda do contato direto entre o pregador e seus ouvintes. Tal distanciamento às vezes, é causado pelo surgimento de uma burocracia religiosa, que se preocupa mais com a reprodução e continuidade de seus próprios privilégios, do que com a satisfação das necessidades

dos seus seguidores. Assim, os pastores iurdianos conseguem se manter próximos dos seus seguidores, antecipar atitudes e mudanças de percepção, gosto e necessidades, antes mesmo que ocorram" (Campos,1999:p.222).

Isto permite observar que a Universal é uma instituição religiosa que obedece claramente às contextualizações, ou seja, adapta-se às necessidades de indivíduos e grupos, bem como às necessidades estabelecidas pelas transformações sociais. De outro lado, a linguagem do pastor usada nas pregações nada tem, tanto em relação à sua inflexão de voz quanto ao seu conteúdo, do tom bíblico tradicional, mas de um verdadeiro discurso de campanha eleitoral, o que, por uma inconsciente analogia às promessas de um mundo novo sempre feitas pelos líderes políticos, desencadeia nos fiéis a sensação concreta de que realmente seus problemas serão solucionados aqui e agora.

Neste sentido, o que atua é o imaginário coletivo da resolução definitiva das angústias dessas pessoas, a partir de uma mudança de postura em relação ao convívio social e à luta pela sobrevivência, esta última sempre acontecida de forma tão desigual na sociedade humana.

Outro ponto que Campos permite visualizar é que a Universal desconstrói o discurso da transcendência, muito presente nas religiões tradicionais, ao dar ênfase no aqui e agora; e esta ênfase leva a crer que funciona como força motivacional da proximidade dos pastores com os seus seguidores. Prosperidade e dinheiro, por conseguinte, passam a ser sinônimos do resgate da dignidade perdida pelos dominados sociais (público básico da Igreja Universal), resultante da opressão dos dominadores, e a IURD propõe-se a servir de estrada para que seus fiéis cheguem ao fim da viagem com total sucesso.

A proposta de uma igreja voltada para o imediato, distanciada de um paraíso mediatista que deseja soluções sócio-econômicas prementes, só é possível em países cujos habitantes lutam para suprir suas necessidades básicas, advindas da crescente diferença entre o enriquecimento de poucos e o empobrecimento de muitos.

Nesse sentido tudo leva a crer que aqui



se encontra na análise das estratégias utilizadas pela Igreja Universal do Reino de Deus, uma relação muito estreita entre dinheiro e magia, ou seja, o dinheiro e sua posse parecem responder ao componente mágico presente no imaginário coletivo nacional brasileiro.

Sob a ótica do processo da comunicação, portanto, prosperidade e dinheiro estão na base do conteúdo da mensagem estabelecida entre a IURD (emissor) e seus fiéis (receptores), pois é parte do código estabelecido entre eles, no procedimento da interação comunicacional, a quebra de conceitos milenares no comportamento da prática religiosa, e a sacralização do profano é parte vital de todo este processo.

O componente mágico pertencente ao imaginário coletivo encontra-se presente na mensagem de esperança expressa nos dizeres: “Age que Deus provê!”, prática discursiva esta que, plena de individualismo, estabelece a responsabilização total do indivíduo pelo bem ou mal presente em sua vida. Esta determinação mágica nos leva a crer que consiste na força motivacional para a contribuição dos dízimos e das ofertas solicitadas. Ajudar-se é pagar o dízimo, porque só assim Deus estará recebendo, qual uma zeladoria encarregada de cuidar das casas de veraneio vazias. Quem paga é protegido, não sendo permitida a invasão do devorador que age na ruína financeira. São significativas as palavras de Cecília Loreto Mariz sobre o pentecostalismo, que não podem deixar de ser consideradas em uma análise da Igreja Universal do Reino de Deus, mesmo sendo esta a expressão máxima do neopentecostalismo brasileiro, quando aponta que:

O pentecostalismo oferece uma magia moral, com uma moralidade clara, definida e regida por leis universais inexoráveis, num mundo de regras particularistas e flexíveis. Oferece uma ordem, uma lógica, que o indivíduo não encontra nem em sua vida, especialmente numa sociedade assolada por crises econômicas, inflação, criminalidade, com leis frágeis e grande impunidade. A desordem individual, que se expressa no alcoolismo, na doença e em outros diferentes tipos de desvios vistos como espirituais, é tida como o reflexo desta desordem sobrenatural que traria a falta de Deus e que implicaria na presença do demônio. O converso pentecostal

busca a ordem oferecida por um Deus moral. Ao defender um Deus absoluto, que possui uma ética divina, e ao definir qualquer sobrenatural, que não seja Deus, como demoníaco e mau, o pentecostalismo não apenas propõe uma magia ética, mas atribui poder mágico à ética (Mariz, 1994, p.220).

E a referida autora permite pensar nos aspectos de uma religiosidade mínima brasileira, estabelecido por André Droogers, citado por Margarida Oliva conceito este definido como: “(...)uma religiosidade que se manifesta publicamente em contextos seculares, que é veiculada pelos meios de comunicação de massa, mas também pela linguagem cotidiana. Ela faz parte da cultura brasileira. Existe em nível nacional e pode, inclusive, servir a fins nacionalistas” (Oliva, 1997, p.70).

O ato sacrificial da contribuição financeira é a manutenção mágica da esperança, os privados de posse, segundo Wilson Gomes (1994:p.123), paradoxalmente são contribuintes para a conquista da posse, fator este que leva a crer ser esta a força motivacional do sucesso da Universal no campo religioso brasileiro. Esta esperança é a essência de toda e qualquer religião, na medida em que devemos considerar as palavras de Clifford Geertz quando este aponta para o problema sobre o mal:

Assim, o problema do mal, ou talvez devamos dizer o problema sobre o mal, é em essência a mesma espécie de problema de ou sobre perplexidade e de problema de ou sobre sofrimento. A estranha opacidade de certos acontecimentos empíricos, a tola falta de sentido de uma dor intensa ou inexorável e a enigmática inexplicabilidade da flagrante iniquidade, tudo isso levanta a suspeita inconfortável de que talvez o mundo, e portanto a vida do homem no mundo não tenha de fato uma ordem genuína qualquer – nenhuma regularidade empírica, nenhuma forma emocional, nenhuma coerência moral. A resposta religiosa a essa suspeita é sempre a mesma: a formulação por meio de símbolos, de uma imagem de tal ordem genuína do mundo, que dará conta e até celebrará as ambigüidades percebidas, os enigmas e paradoxos da experiência humana. O esforço não é para negar o inegável – que existem acontecimentos inexplicados, que a vida machuca ou que a chuva cai sobre o justo – mas para



negar que existam acontecimentos inexplicáveis, que a vida é insuportável e que a justiça é uma miragem (Geertz, 1989, p.123-4).

A Universal ao priorizar e dar uma dimensão sagrada e mágica ao dinheiro dentro do universo de representações simbólico-religiosas leva em conta os excluídos da sociedade de consumo.

Se observarmos com detalhe aos depoimentos ou testemunhos dos crentes e adeptos da IURD, pode-se verificar que os bens de consumo não religiosos encontram-se em primaríssimo lugar e que sua aquisição está relacionada com as bênçãos de Deus, transformando o dinheiro e sua posse no elemento fundamental da ação benéfica de Deus sobre os homens, prática discursiva esta que se encontra em interdependência com os aspectos sócio-econômicos da realidade nacional, na medida em que, para a maioria, a ausência de condições materiais de existência constitui-se no que falta e, seguindo Hegel, o homem jamais gritará pelo que possui, somente por suas necessidades. É, portanto, no espaço da carência de condições materiais de existência que o dinheiro assume significação sagrada numa sociedade de consumo. Ele é o instrumento básico que permite o acesso a uma série de elementos que possibilitam o desenvolvimento, inclusive, das mais positivas dimensões humanas, na medida em que permite a indivíduos e grupos adquirirem a posse de toda a ordem de recursos.

A Universal percebe claramente esse aspecto e preconiza a posse do dinheiro como resultante da ação de Deus, levando a crer que Deus é o dono da mão invisível do mercado, remunerando justamente aos seus servos como grande empregador, dono dos meios de produção simbólico-religiosos. Se a contribuição é realizada, a riqueza, a prosperidade fatalmente virão.

A Igreja Universal do Reino de Deus fala o que o outro quer ouvir: as respostas vêm de Deus, mas a pessoa tem de ir atrás. Contribuir com todas as campanhas arrecadatórias, inserir-se na comunidade pagando o dízimo são maneiras de apropriação dos bens materiais e simbólicos. O pastor diz: " Não confie nos homens, nem mesmo em mim, somente em Deus.!"

O Deus da Universal não trabalha apenas com o futuro, mas imediatamente recebe as ofertas, como um pagamento antecipado pelo serviço de proteção a ser prestado na luta contra o demônio, ou seja, na luta contra o mal.

A linguagem do pastor da IURD atinge, no momento, uma camada populacional carente que ambiciona atingir algo que uma parte das pessoas parece já ter adquirido.

Na tentativa de chegar a esse consenso idealmente universal, movimentado pelo mercado de consumo, os sujeitos são levados a buscar respostas certas para essa necessidade interna, criada pelo mundo externo e que não vem mais dando certo no discurso de muitos templos tradicionais.

Isto faz com que, partindo da relação entre pastor e fiéis, os novos templos busquem uma nova fórmula. A IURD e os fiéis parecem conseguir estabelecer o real valor do dinheiro, principalmente dentro da sociedade capitalista. Então, o discurso dos pastores passa pela utilização de versículos bíblicos na tentativa de justificar o que transmitem, reforçando, assim, a internalização desses ideais e, mais ainda avalizado pela leitura bíblica. Essa possibilidade de internalização com base na Bíblia vai incrementando a formação da subjetividade e a ilusão de uma completa realização, posição esta que sempre persegue o homem ao longo de sua existência.

Baseado na frase " Diga: tudo eu posso! Nada é impossível!", dita pelo pastor e repetida pelos fiéis dentro da Igreja, pode-se pensar na força que adquire o pastor. Essa força passa pela rapidez com que se recicla, minuto a minuto, as transformações do mercado publicitário, estabelecendo clichês onde os sujeitos se engatam na busca de realizações, passando a ser o "metier" dos profissionais da IURD (Homens de Deus) e ao oferecer esta felicidade tão idealizada pelos sujeitos na contemporaneidade, o pastor especializa-se em fornecer o " espelho" que reproduz quase na medida certa, aquilo que o sujeito está querendo ver.

Calligaris lembra o que diz Toscani: o gasto publicitário é maior em nossa cultura do que o gasto com a educação pública. Então, antes de se indignar, precisa-se reconhecer que a publicidade é hoje mais formadora de nossa subjetividade do que o ensino



escolar. Ela é a maior expressão de nossa época, quantitativamente pelos investimentos que mobiliza e qualitativamente por ser seu protótipo cultural, pois o consenso da razão contemporânea parece ser feito de imagens de sonho que nos convidam: Sejam como nós. Imagens publicitárias(Calligaris, 1996, p.89).

Ao olhar para o pastor, o crente encontra a imagem invertida de si que tanto procura, pois primeiramente projeta-se nele e depois introjeta através da linguagem que ele transmite, mobilizado pelo seu desejo. O crente apóia-se na prática discursiva do pastor, estabelecendo uma relação de identificação e de magia, ou seja, o crente apóia-se na prática discursiva do pastor como se fosse uma fórmula mágica capaz de solucionar todos os seus problemas, inclusive o de ter para ser, porque numa sociedade capitalista quem não tem dinheiro não prospera e quem não prospera acaba fazendo parte dos excluídos. A IURD promete, como um remédio, esse acesso aos bens de consumo do mercado universal, e os fiéis ficam como adictos da incansável busca de felicidade.

No universo simbólico-religioso da Universal em que se “atribui poder mágico à ética”, o ato sacrificial não é o ato do trabalho, mas o da contribuição financeira para o ganho de mais dinheiro, estabelecendo uma relação direta e clara entre sacrifício e dinheiro, expressão de uma racionalização religiosa do mundo, que se rege por uma “barganha cósmica”(GOMES, 1994), obedecendo a lógica da circulação, que é definida como “complexo dos fenômenos que integram o ciclo transformativo dos capitais circulantes em novos capitais circulantes fixos.” Isto se comprova com relação à Igreja Universal do Reino de Deus, pela forma com que ela diversifica suas atividades e investe suas arrecadações, possuindo financeiras, bancos, templos que incorporam estilos de *shoppings*, meios de comunicação de massa, etc.

O ciclo transformativo dos capitais circulantes que observamos presente na ação e prática discursiva da Universal, a partir de seu universo de representações simbólico-religiosas através da sacralização do dinheiro e da

prosperidade, permite formular a seguinte questão: Se o contribuinte da Universal paga primeiro para depois receber dividendos, qual a diferença da lógica das contribuições e dizimos na Universal com a lógica do Imposto de Renda Retido na Fonte?

Ao estabelecer-se esta questão, através das discussões em grupo, está se associando os pressupostos das regras do mercado neoliberal, com o que diz Jung Mo Sung acerca da “teologia do mercado neoliberal”. São significativas as palavras do autor quando aponta que:

Quando os sofrimentos e mortes são interpretados como “sacrifícios necessários” entramos num círculo vicioso perverso. Na medida em que esses sacrifícios não resultam no que os “sacerdotes” do sistema de mercado prometem, entramos na crise de legitimidade dos sacrifícios. Para que esses sacrifícios não sejam mais vistos como “em vão”, e, com isso, os “sacerdotes” do mercado não se tornem simples assassinos de milhões de pessoas, é preciso reafirmar a fé no mercado e no valor salvífico dos sacrifícios. Se diz então que os sacrifícios ainda não frutificaram porque ainda não se sacrificou o suficiente. Assim, se exige mais sacrifícios para que os sacrifícios anteriores não tenham sido em vão (Sung, 1998, p.31-32).

E ainda,

É importante termos em conta que essa lógica sacrificial está muito enraizada na consciência social do Ocidente, para não falarmos em todo o mundo. Em quase todas as religiões encontramos uma teologia do sacrifício, ou equivalentes. Na nossa tradição ocidental cristã é mais do que conhecida a idéia de que “sem sacrifícios não há salvação”. Esse tipo de teologia tem a grande vantagem de dar um sentido para o sofrimento às pessoas que não sabem como superá-los; é a grande desvantagem de servir de legitimação ao processo de opressão (Sung, 1998, p.31-32).

Considerando o referido autor e a forma até mesmo forte com a qual realiza sua análise, entende-se que não se pode dissociá-la do contexto da prática discursiva da Igreja Universal do Reino de Deus; na sociedade brasileira se concretiza de forma muito clara



esta relação entre religião e mercado alicerçada no ato sacrificial da contribuição do dízimo e das ofertas.

O ato sacrificial da contribuição financeira se dá na medida em que a Universal redimensiona a mensagem religiosa tradicional, estabelecendo como alicerce de sua teodicéia: salvação, cura e prosperidade, que possuem como sua base a busca da gratificação, que se tem mostrado capaz de reestruturar a visão de mundo de indivíduos e grupos, bem como seus comportamentos, de acordo com as transformações econômicas, sociais e culturais da sociedade envolvente.

A ênfase à cura, ao exorcismo e à prosperidade, parece constituir-se na teodicéia iurdiana, a qual se pode esquematizar da seguinte forma: a cura, redimensiona a deficiente saúde pública; o exorcismo redimensiona o sofrimento vivenciado pela precariedade das condições objetivas e subjetivas de existência, e a prosperidade redimensiona as determinações de uma economia de mercado globalizada e excludente.

Esse redimensionamento permite que se processe a letigitimidade do ato sacrificial da “retenção na fonte” e na construção da esperança da devolução. As palavras de Antonio Flávio Pierucci e Reginaldo Prandi são significativas para que se possa entender os aspectos subjetivos deste processo. Nos dizeres dos autores:

(...) O indivíduo vai ao médico e este não o cura, leva uma vida pautada por tudo aquilo que acredita dele se esperar e de repente vê escorregar por entre os dedos a segurança e a certeza de poder até mesmo prover-se materialmente e à sua família, persegue objetivos comezinhos e não os alcança, sofre perdas emocionais e enfrenta-se com a morte mas não é capaz de atinar com seu sentido. A religião supre aquilo que o mundo profano não dá (Pierucci e Prandi, 1996, p.17).

De que forma o crente se sente ressarcido do investimento realizado?

O que se pôde constatar neste trabalho é que em termos objetivos o governo devolve minimamente o que reteve na fonte, enquanto que de forma subjetiva o crente da Universal sente que a devolução será altamente compen-

sadora pela sensação de uma recompensa material e espiritual. Indivíduos e grupos sentem-se respaldados por Deus no “depósito” feito.

Nesse sentido, no contexto da Universal a devolução do “imposto retido na fonte” expresso pelo ato sacrificial da contribuição à Igreja, subjetivamente é sentido em seu caráter máximo que se traduz na efetiva mudança de padrões comportamentais. Salientamos que estas mudanças comportamentais não se encontram distanciadas da própria lógica do mercado e que dentro desta mesma lógica joga-se para o indivíduo a responsabilização pelos males de sua existência, na medida em que há o processo de demonização das condutas individuais e de grupos que não realizam os sacrifícios necessários.

Esse aspecto permite perguntar: o que acontece com o não pagador do imposto? Em termos da lógica do mercado há a punição jurídico-administrativa, na medida em que há a compulsoriedade da sua retenção. No caso da Universal, parece haver um arbítrio, mas que deve ser relativizado, uma vez que a Teologia da Prosperidade é efetivamente força motriz das ofertas e doações à Igreja, sem que se possa deixar de relacioná-la com o desejo de posse e de gratificação. A prosperidade significando aquisição de bens materiais e simbólicos, funciona como efetivo alicerce da prática discursiva da IURD.

Segundo salienta Paul Freston (1994), pode-se verificar ser a Teologia da Prosperidade o princípio básico da doação financeira, constituindo-se numa teologia “funcional para convencer as pessoas a financiarem ministérios caros”, fator que se considera significativo para a expansão nacional e internacional da Igreja Universal do Reino de Deus. Por outro lado, a Teologia da Prosperidade, enquanto prática discursiva é fonte de legitimação dos “sacrifícios necessários” seguindo-se a lógica da relação religião e mercado, proposta por Sung(1998).

Tomando-se um aspecto mais subjetivo que demonstra a relativização do arbítrio da contribuição determinado pela Teologia da Prosperidade, deve-se considerar o conceito de “contágio emocional” estabelecido por McDougall e trabalhado por Freud de significativa importância. Freud afirma que:



(...) num grupo as emoções dos homens são excitadas até um grau que elas raramente ou nunca atingem sob outras condições e constitui experiência agradável para os interessados entregar-se tão irrestritamente às suas paixões, e assim fundirem-se no grupo e perderem o senso dos limites de sua individualidade. A maneira pela qual os indivíduos assim arrastados por um impulso comum é explicada por McDougall através do que chama de ‘ princípio da indução direta da emoção por via da reação simpática primitiva’, (ibid 25), ou seja, através do contágio emocional com que já estamos familiarizados. O fato é que a percepção dos sinais de um estado emocional é automaticamente talhada para despertar a mesma emoção na pessoa que os percebe. Quanto maior for o número de pessoas em que a mesma emoção possa ser simultaneamente observada, mais intensamente cresce essa compulsão automática. O indivíduo perde seu poder de crítica e deixa-se deslizar para a mesma emoção (Freud, 1976, p.32-2).

André Corten aborda este aspecto sobre outro ângulo quando diz que:

O indivíduo de passagem encontra-se preso no gesto de uma multidão. Ele se sente incluído em pé de igualdade numa atividade que não é mais a luta pura e simples pela sobrevivência material cotidiana. Chamamos “ consolo” a emoção que ele sente. O indivíduo é consolado pelo discurso de prece sobre a forma de queixa ou lamentação. Ele não está mais frente ao problema dele mas o seu sofrimento é carregado secularmente pelos salmos da Bíblia, ele se funde nessa queixa dos pobres que não agüentam mais e eleva-se a Deus; o indivíduo é transfigurado como às vezes mostra o rosto torturado e luminoso dos participantes (Corten, 1996, p.76).

No contexto da Universal, em sua prática discursiva a compulsoriedade da contribuição financeira se dá de forma sub-reptícia, na medida em que a ritualística dos cultos obedece claramente a dois momentos bem demarcados: o momento do trabalho com a emoção, através da dramaticidade do discurso do pastor e o momento das ofertas.

Certamente, entende-se, como professores pesquisadores, que a análise do fenômeno

Igreja Universal do Reino de Deus, não se esgota nos limites do presente artigo. O que se objetiva é dar a conhecer elementos que foram possíveis detectar através do trabalho de pesquisa e deixar claro que o grupo de pesquisadores faz suas as palavras de Emile Durkheim, em sua obra “*As Formas Elementares da Vida Religiosa*.”

O fiel que comungou com o seu deus não é apenas homem que vê verdades novas que o incrédulo ignora: é homem que pode mais. Ele sente em si força maior para suportar as dificuldades da existência e para vencê-las. Está como que elevado acima de sua condição de homem; acredita-se salvo do mal, aliás, sob qualquer forma que se conceba o mal. O primeiro artigo de qualquer fé é a crença na salvação pela fé. (Durkheim, 1989, p.493-4).

E ainda,

(...)admitimos pois que as crenças religiosas repousam sobre uma experiência específica, cujo valor demonstrativo não é inferior ao das experiências científicas, mesmo sendo diferente. (Durkheim, 1989, p.493-4).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPOS, Leonildo Silveira. **Religião, templo e mercado. Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal.** Petrópolis: Vozes, 1999.
- CORTEN, André. **Os Pobres e o Espírito Santo.** Petrópolis: Vozes, 1996.
- CALLIGARIS, Contardo. **Crônicas de um individualismo cotidiano.** São Paulo: Ática, 1996.
- DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Paulinas, 1989.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. *In: Nem anjos, nem demônios. Interpretações sociológicas do pentecostalismo.* Petrópolis: Vozes, 1994.
- FREUD, Sigmund. **Psicologia de grupo e análise do ego.** São Paulo: Imago Editora, 1976.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan Edi-



- tora, 1989.
- GOMES, Wilson. *Nem anjos nem demônios. In: Nem anjos, nem demônios. Interpretações sociológicas do pentecostalismo.* Petrópolis: Vozes, 1994.
- PIERUCCI, Antônio Flávio & PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil. Religião, sociedade e política.* São Paulo: Hucitec, 1996.
- MARIZ, Cecília Loreto. *Libertação e ética. Uma análise do discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo.* In: **Nem anjos, nem demônios. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo.** Petrópolis: Vozes, 1994.
- OLIVA, Margarida. *O Diabo no "Reino de Deus". Por que proliferam as seitas?.* São Paulo: Musa, 1997.
- SUNG, Jung Mo. *Desejo, mercado e religião.* Petrópolis: Vozes, 1998.

